



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XVII (2016)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Pedro Martínez García, El cara a cara con el otro: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje, Frankfurt am Mein, Peter Lang Edition, 2015, 356 pp. ISBN: 9783631659793.

Jorge Fonseca 

Como Citar | How to Cite

Fonseca, Jorge. 2016. «Pedro Martínez García, *El cara a cara con el otro: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje*, Frankfurt am Mein, Peter Lang Edition, 2015, 356 pp. ISBN: 9783631659793.». *Anais de História de Além-Mar* XVII: 523-527. <https://doi.org/10.57759/aham2016.36126>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2016. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2016. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Pedro Martínez García, *El cara a cara con el otro: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje*, Frankfurt am Mein, Peter Lang Edition, 2015, 356 pp. ISBN: 9783631659793.

O tema deste livro são os relatos de viagens realizadas por europeus no fim da Idade Média e no começo da Época Moderna, vistos sob a perspectiva da descoberta do *Outro*, o ser humano que vivia na periferia do continente, dentro ou fora dele.

Na primeira parte, o autor começa por abordar o conceito de alteridade, do *Outro*, que, por contraste, ajuda a definir o próprio, viajante e narrador. A percepção em que essa operação assenta vai-se transformando com o tempo, conduzindo a uma nova conceção do mundo, nos planos geográfico e antropológico.

São igualmente consideradas a viagem e a mobilidade na Idade Média, mencionando as principais causas de deslocações: missões diplomáticas, acompanhamento de cortes, viagens de negócios para procura de novos mercados, peregrinação a grandes centros religiosos como Compostela, Roma e Jerusalém, procura de nobilitação pela prática de ações militares e outras. Refere-se também a viagem como espaço de sociabilidade: o quotidiano dos participantes e o contacto com outros viajantes, de diferentes condições sociais e modos de comportamento, as formas de preencher o tempo, como os jogos, a execução de instrumentos musicais, as orações, a leitura e a escrita. E mostram-se os principais assuntos focados pelos relatos: desde as atribulações próprias das viagens, como o perigo dos caminhos e dos navios, as condições de alojamento até ao que era visto nas terras visitadas, como a grandeza das cidades, os sistemas de defesa, os monumentos, mercados e festas, povos e animais exóticos, e costumes invulgares. Por vezes as viagens eram aproveitadas para compra de mercadorias, como escravos e outras. As deslocações marítimas davam frequentemente lugar à realização de contratos com os transportadores, que incluíam as condições de alimentação a bordo, por vezes com direito a cozinheiro próprio, tripulação e armas de defesa contra assaltos e os criados de

que os viajantes se podiam fazer acompanhar. Alguns relatos, quando publicados, incluíam gravuras alusivas às cidades visitadas e a pessoas e animais desconhecidos.

A segunda parte, referente à viagem na Baixa Idade Média, inicia-se pelas *Andanças e viagens por diversas partes do mundo*, do cordovês Pero Tafur, através de vários países europeus e mediterrânicos. Seguem-se-lhe as deambulações de três centro-europeus pela Península Ibérica: do suábio Georg von Ehingen, do boémio Leo von Rozmital e do alemão Hieronymus Munzer.

As viagens do cavaleiro castelhano Pero Tafur iniciaram-se em 1436 com um périplo por cidades italianas, seguido de outro, em 1437-1438, pelo Egito, Palestina, Bizâncio e Turquia, e de um terceiro, pouco posterior, à Polónia, Sacro Império, Norte de Itália e Sardenha. Da primeira viagem destaca-se no relato a descrição de Roma, dos seus monumentos e do estado de decadência da cidade. No Egito impressionou o viajante a visão de crocodilos, girafas e elefantes; em Rodes assistiu à eleição de um novo mestre e em Constantinopla conviveu com o imperador e a família. De Adrianópolis recordou a receção pelo grão-turco e o seu grande poderio militar, descrevendo os Turcos com admiração. Em Jerusalém e na Palestina referiu minuciosamente sítios e edifícios religiosos, bem como as indulgências que neles se podiam alcançar e respectivos preços, parecendo o viajante, segundo o autor do livro, «mais um turista que visita um parque temático do Antigo Testamento que um devoto peregrino».

Pero Tafur mostra um particular e invulgar interesse por aspetos da vida prática como o frio e o sistema de aquecimento na Polónia e o modo de obtenção de água potável em Veneza. Compara cidades de diferentes países, sistemas de estudo de universidades, valorizando a prosperidade comercial e a administração das colónias e povos submetidos.

O autor defende que o viajante transmite a visão de um grupo social em processo de transformação, por um lado, pelo interesse que demonstra quer por aspetos cavaleirescos, nobiliárquicos e piedosos, mais ligados à mentalidade medieval, quer pela evocação de monumentos clássicos, próprios do Homem Renascentista; por outro lado, por interesses comerciais e pela complacência por certa liberdade de costumes, no que se aproxima mais da mentalidade moderna.

Apesar de o Oriente constituir o principal objeto de interesse dos viajantes, os países do Ocidente europeu foram também procurados, nomeadamente por indivíduos do centro do continente. Um deles foi o cavaleiro alemão Georg von Ehingen, que, de 1453 a 1458, percorreu, numa primeira viagem, Rodes, onde lutou 11 meses contra os Turcos, e Damasco, onde esteve preso; e, num segundo périplo, França, Espanha, Portugal, África, Inglaterra e Escócia. Dessas deslocações resultou a obra autobiográfica *Viagem à cavalaria*, redigida entre 1467 e 1481. Como se infere do título, o seu principal objetivo era participar em combates contra os infieis, em que pudesse conquistar honra e fama.

Depois de, com outro cavaleiro, um intérprete, um criado e dez cavalos, ter deixado o país natal, ao chegar a Portugal visitou a corte de D. Afonso V e integrou as tropas que o monarca enviou em socorro de Ceuta, participando num combate singular com um cavaleiro mouro, que venceu. Regressando a Castela, tomou parte na guerra de Henrique IV contra Granada, tendo nela sido ferido.

Em 1465 teve início a viagem de Leo von Rozmital, cunhado do rei da Boémia, Jorge de Podiebrad. Este tinha aderido à dissidência hussita, razão pela qual foi excomungado pelo papa. Por isso, o objetivo do viajante era diplomático, destinado a romper o isolamento do seu soberano junto dos países ocidentais. Foi acompanhado por uma comitiva de 40 pessoas, entre cavaleiros e criados, incluindo um intérprete que falava 17 línguas, um bobo e vários músicos. Foram percorridas a Alemanha, Países Baixos, França, Inglaterra, Espanha e Portugal e, no regresso, o Sul de França, Itália e Áustria. Da viagem resultaram dois relatos: um do checo Václav Sasek, escudeiro de Rozmital, mais oficial e descritivo, e o outro do alemão Gabriel Tetzl, membro do patriciado de Nuremberga, que passou a integrar a comitiva à passagem desta pela cidade e com um estilo mais livre e pessoal.

Sasek achou os castelhanos semelhantes aos sarracenos, pela cor e vestuário, mas igualmente pelos costumes impuros e pouco cristãos. Considerou os catalães malvados, piores que infiéis. Em Portugal Rozmital foi recebido pela família real, que lhe ofereceu dois escravos etíopes e um símio. Sasek refere-se aos negros como seres inumanos, pertencentes a outro mundo. Além deles e do *Outro* hispânico, com cujos hábitos e comportamento nem sempre se identificaram, características que atribuíram à influência dos infiéis, os viajantes contactaram nos países ibéricos com sarracenos vindos do Oriente e com granadinos, muçulmanos autóctones.

Entre 1494 e 1495 veio à Península o médico alemão radicado em Nuremberga Hieronymus Munzer, com o fim de contactar comerciantes e humanistas e adquirir conhecimentos de geografia e cartografia. Já antes viajara pela Itália e pela Holanda. Da sua deambulação pela Hispânia resultou o texto em latim *Itinerarium sive peregrinatio*. Os conhecimentos de cartografia permitiram-lhe elaborar um mapa da Europa Central, que veio a ser incluído no *Liber Chronicarum*, publicado por Hartmann Schedel, supondo-se que também influenciou a produção do primeiro globo terrestre, por Martin Behaim.

As descrições de terras que conheceu são muito amplas, englobando aspetos urbanísticos, demográficos, económicos e sociais. Elogiou os mouriscos de Guadix, pela sua sobriedade e produtividade; em Granada, que o fascinou, impressionaram-no as canalizações de água; e em Valência, onde viu escravos das Canárias, apreciou o horário das lojas de comestíveis, que só fechavam à meia-noite. Em Portugal interessou-se pelas viagens marítimas e pelas questões geográficas por elas suscitadas. Referiu-se aos negros que viu a trabalhar nas forjas reais de Lisboa

como ciclopes no antro de Vulcano. O autor do livro admite que Munzer, como membro da oligarquia económica e cultural de Nuremberga, procurasse em Lisboa contactos que favorecessem os interesses alemães, como a participação de mercadores, cartógrafos, artilheiros e militares nos empreendimentos lusos.

A terceira parte do livro incide sobre a visão do *Outro* suscitada pelas viagens no mundo atlântico, começando pela conquista do arquipélago das Canárias no começo de Quatrocentos pelos franceses Gadifer de la Salle e Jean de Béthen-court, em nome de Castela, da qual resultaram as crónicas dos franciscanos Jean de Verrier e Pierre Boutier. Esses textos descrevem as ilhas e os seus habitantes, realçando aspetos inéditos como a linguagem dos naturais de la Gomera, que falavam «com os beijos, como se não tivessem língua». Da Grã-Canária referem a nudez dos nativos, o uso de tatuagens e o cabelo amarrado atrás, em forma de trança. Sobre a ilha de Lanzarote mencionam a poliandria, o costume de as mulheres terem vários homens. Do conjunto das ilhas destacam a forma física dos habitantes, altos e esbeltos, o seu carácter aguerrido, sendo difíceis de capturar, assim como os sacrifícios religiosos, provavelmente de cabras.

A seguir são tratadas as viagens à América e os respetivos relatos, nomeadamente a *Primeira viagem à volta do mundo*, de António Pigafetta, assim como a *História das Índias*, do dominicano Bartolomé de las Casas, e a *História do Almirante*, de Hernando Colón, estas sobre a primeira viagem de Cristóvão Colombo.

Os autóctones são vistos nessas descrições ora como simples e pacíficos, facilmente convertíveis ao Cristianismo, ora como demoníacos, destacando-se neste aspeto o canibalismo, que passou a ser lugar-comum da literatura sobre o novo continente. Colombo interpretava assim o nome da tribo de antropófagos dos Caniba: «não deve ser outra coisa senão a gente do Gran Can, que deve estar muito próxima daqui». Como pensava ter chegado à Ásia, o descobridor procurava identificar os territórios encontrados entre as regiões referidas por Marco Polo e Toscanelli, como a ilha de Cipango (Japão), quando estava nas Bahamas e procurou, por isso, entrar em contacto com o Grão Can.

A título de conclusões do livro o autor aponta o facto de não existirem diferenças substanciais entre os relatos tardo-medievais e os do início da etapa atlântica, pois muitos dos relatos mais recentes têm mais de medieval, como a religiosidade e a mentalidade feudal, que de moderno, como o individualismo e o espírito mercantil. Uns são a evolução dos outros. Defende também que, nesses relatos, o *Outro* radicalmente novo não existe, pois os viajantes procuram sempre integrar o que veem no catálogo ontológico do já conhecido. O modo de descrever o que é novo é determinado pela cosmovisão de quem vê, influenciada pelas leituras já feitas. Não parece nunca que se descubra alguma coisa, antes que se identifica e se verifica o que já se conhecia antes. Além disso, os discursos

produzidos parecem construídos mais para transmitir uma certa imagem aos que os vão ler do que uma visão autêntica e pessoal de ver o mundo. As próprias diferenças encontradas variam com a proveniência geográfica dos observadores. O que os Espanhóis veem como diferença nos Judeus ou Sarracenos de Espanha é para os viajantes do centro da Europa semelhança com os Espanhóis.

Parafraseando o autor, «o livro de viagens é, em conclusão, uma heterotopia sem espaço nem tempo definido, onde a confluência do narrador, viajante, leitor e sujeito narrado faz com que a epifania do rosto se converta numa construção simbólica e imaginária do *Outro* e de si mesmo».

Ao terminar a leitura deste oportuno e original trabalho sobre um tema que parece voltar a interessar a comunidade científica portuguesa, penso estarmos em presença de uma linha de investigação que, através da descoberta de novos ou pouco divulgados relatos de viagem e pelo respetivo confronto e análise crítica, muito pode contribuir, no futuro, para alargar o conhecimento das épocas a que dizem respeito.

Jorge Fonseca

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

E-Mail: jmrffonseca2000@yahoo.com.br

Gleydi Sullón Barreto, *Extranjeros integrados. Portugueses en la Lima virreinal, 1570-1680*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, (Estudios Americanos. Tierra Nueva, 2), 2016, 303 pp., ISBN: 978-84-00-10130-5.

La presente publicación se integra en una colección que recientemente ha comenzado a editar el Consejo Superior de Investigaciones Científicas. *Estudios Americanos. Nueva Tierra* abarca una serie de monografías que abordan distintas épocas y temáticas relacionadas con América Latina con el objetivo de contribuir a la difusión de la investigación científica y al conocimiento histórico del referido territorio americano. El segundo volumen, al que se refiere esta reseña, aborda la presencia y la integración portuguesa en Lima entre 1570 y 1680. Sin duda, un objeto de estudio de gran interés para el conocimiento de la Historia Social latinoamericana, especialmente del Virreinato del Perú durante el periodo de la agregación portuguesa la Monarquía Hispánica (1580-1640).

El trabajo se presenta con una organización muy clara y con una estructura ordenada. La publicación se divide en cuatro capítulos dedicados al estudio del